

Estação de Serviço em Mercúrio

Nuno Brito

A menina estava a brincar na praia em frente ao mar, um campo de concentração feito de areia. Veio uma onda e apagou quinze séculos de História. Lutamos todos os dias para conseguir a memória mais pura. Veio a menina. Eu era a brincadeira preferida dela. Metia a minha cabeça entre as suas pernas e sentia o sabor salgado do seu corpo depois de vir do mar. Só quando me olhava nos olhos é que eu percebia que estava morto.

Recebi um apedrejamento de felicidade. Os braços bem abertos, dois quilómetros de braços. A cada pedrada as veias inchavam, uma felicidade cada vez mais aguda. Com a últimas pedra, a morte. Quente. O corpo pedia água. Deus com os pés no Nilo a comer melancia. Eu bebi o Nilo todo, tinha muita sede.

Mesmo assim continuei insatisfeito. Apetecia-me beber tudo.

Explosão de camião armadilhado mata 78 pessoas. Um gigante aborrecido dá um pontapé no meu prédio.

Devia haver homens pagos só para estarem com os pés de molho no Nilo. Isso fazia de nós melhores pessoas.

Enquanto isso há fracturas múltiplas na auto-estrada e uma baleia fêmea espreme o seu leite gordo para a cria. Nunca perder um sentido de globalidade.

Todos somos homens e caranguejos ao mesmo tempo. Cada vez mais felicidade, a cada pedra todas as células vibram. Entramos em ebulição constante. A terra vista de Mercúrio, um pequeno ponto azul. Ali concentrada toda a energia humana. Todos os homens com os seus problemas. Com a última pedra uma felicidade eterna. Pessoas, homens, corpos. As duas mamas a saberem a melancia. A menina a olhar para mim.

Um homem a urinar contra a parede da pirâmide um esguicho forte e amarelo que cria uma mancha na parede. Todos os que urinam na pirâmide escolhem aquela mancha. Um cão do século XII ou uma criança do século XX com o seu boné azul.

Todo o corpo estremece! A espinha dorsal da civilização humana está arrepiada como se passasse um cubo de gelo ao longo das costas. Na estação de serviço em Mercúrio, duas motas paradas com os homens a descansar. Quente escaldante. Aqui um sol grande bate-nos nos olhos. Folha de alface com vinagre a escorrer. O grilo a olhar.

A avó de Napoleão contava histórias muito engraçadas ao pai de Napoleão. Tinha dentro das veias um sangue muito vermelho. Como era divertido adormecer sossegadamente na travesseira enquanto uma estrela explodia ou um planeta se formava. Nós juntávamos as cabeças e líamos qualquer coisa pouco interessante. Puxei-te a saia no dia de circo.

Em busca de uma verdade mais doce injecto mel directamente no coração Bac!... Morto! A minha insensibilidade é maior do que as muralhas da Palestina. Exércitos inteiros de meninos e meninas com os seus sorrisos não me deitam abaixo. Consigo matar com o meu silêncio! A minha cara inexpressiva fere mais do que a bomba atómica. O resto não interessa. Levantei-te a saia em frente aos elefantes. Folheei depressa o genocídio arménio. Não há tempo a perder. Fervia-me na garganta uma palavra, vim para a rua. Se fosse pronunciada tudo continuava terrivelmente na mesma. Engoli a palavra.

Um cão que era todos os cães passou em cima da passadeira. Uma girafa com o pescoço partido dá à luz.

Agora a verdade em forma de cubo de gelo: Houve, uma vez uma praga de pulgas no Egipto. As pulgas entraram nas cidades, invadiram as ruas, saltaram dos cabelos dos homens para os pelos dos cães e dos camelos. Entraram nas casas, nos armazéns, nas pirâmides, o faraó teve que rapar o cabelo.

Vibração em tom de cristal repercute-se ao mesmo tempo dentro de cinquenta baleias. As mulheres atiram flores para dentro da cratera do vulcão, a terra treme por baixo delas e o magma já vem lançado. A terra não aguenta nem mais um segundo, todo o continente pedia isto. O globo contraído à espera do segundo em que a consolação finalmente vai surgir. O Farol evangelista dá-nos o sinal.

O colosso pega no farol, e atira-o para o meio do mar, parte a ponte em duas. Perspectivámos o colosso de frente, de lado, de trás. De todos os ângulos possíveis mesmo que os nossos olhos apenas permitam uma perspectiva pobre dele. Vamos falar com os outros, os que vêem o colosso de costas. Eles trazem novas notícias. O rabo do colosso está a arder. Ele atira um prédio para o meio do mar, para o sítio onde tudo começou. Onde tudo está sempre a começar a todo o momento. Onde tu começaste.

Não muito longe a menina chamou-me com a sua voz de areia molhada. Eu juntei-me a ela. Falámos algum tempo. Eu ia ao mar encher os baldes. De uma vez trouxe uma estrela-do-mar. Ela pô-la nos cabelos. Estava ainda viva, mas um bocado mais morta do que nós. Atirámo-la de novo ao mar e fomos para a beira das rochas apanhar caranguejos. Tudo era verdade: 1807 invasões francesas.

Em 1807 andavam muitas zebras em África exaltadas porque sentiam que era um ano muito especial. Era o ano das invasões francesas num sítio qualquer. Os pinguins da Patagónia em 1939 andavam confusos. Eu estava no parque infantil e explicava a duas velhinhas sentadas num banco tudo o que sabia sobre uma folha de uma planta que apanhei do chão. Explicava-lhes tudo o que sabia sobre o caule, a folha, com os seus veios, como é que a árvore se alimentava, ficava uma tarde inteira a falar de uma folha. Outro dia explicava como é que as abelhas vêem o mundo sempre todo a amarelo e preto.

Era naquele banco de jardim em frente ao escorrega que surgiam novas perspectivas, a velhinha era minha tia ou minha avó, a outra também era minha tia ou minha avó. Ficavam a ver-me a apanhar escaravelhos no parque enquanto falavam.

O mugir de uma vaca pode indicar-nos o caminho para a Índia, pode condensar em si o saber de todas as antigas civilizações. Não percebemos a sua linguagem. No fundo do mar a lagosta olha para o meu cadáver. Examina-o com as suas antenas. Pareço-lhe com um aspecto apetitoso. Come-me do início ao fim. Outras lagostas não têm a mesma sorte, estão dentro de aquários sujos à espera de serem cozidas vivas em panelas a ferver. As coisas ganham diferentes tamanhos e nós também ganhamos diferentes tamanhos num exercício de ajuste constante.

Na área de serviço em Mercúrio olhamos de frente para o sol. Aqui o sol é muito grande embora seja sempre noite. Os pirilampos acendem-se e os grilos começam a cantar. Passa uma ambulância. A menina dá-me a mão. Percebemos que é a altura de um começo. Podemos começar as vezes que quisermos.

Outro dia num café quando reparava nos estranhos ruídos que alguns moucos fazem quando conversam, percebi que as pirâmides foram erguidas com o silêncio dos homens. Também eu e a menina criámos um colosso. Horas e horas de mãos dadas com os pés de molho no rio. A nossa solidão criou um monstro que anda agora à solta. Olha, ali vem ele para nos apanhar.

Tudo começa a todo o instante e ninguém se pode habituar a nada. Habituar-mos é morreremos. BOIM! Outro início. Viga de ferro em cima da cabeça mata dois trabalhadores. Agora sim, agora é que é o começo, um, dois, três, a menina põe o dedo no nariz e saltámos. Um mergulho fundo nas águas mais puras. Em busca da perspectiva mais perfeita.

